

J. FERNANDES MASCARENHAS

ESBOÇO DA PERSONALIDADE DE D. MARIA LIZARDA PALERMO

**BENEMÉRITA DA MISERICÓRDIA
DE MONCARAPACHO**



Olhão
1988



MUSEU DO TRAJO

S. Brás de Alportel

Biblioteca

Inv. N.º

619

Cota N.º

31
22

J. FERNANDES MASCARENHAS

Provedor da Misericórdia de Moncarapacho

ESBOÇO DA PERSONALIDADE DE D. MARIA LIZARDA PALERMO

**BENEMÉRITA DA MISERICÓRDIA
DE MONCARAPACHO**

Olhão
1988



ESBOÇO DA PERSONALIDADE DE D. MARIA LIZADA PALERMO

DEPARTAMENTO DE MISERICÓRDIA
DE MONCARAPACHO

Publicação patrocinada pela Santa Casa
da Misericórdia de Moncarapacho



O Monumento inaugurado

PHOTO FARIA

Separata de «A Voz de Olhão»

Estamos aqui para louvar e glorificar uma senhora moncarapachense que merece a gratidão e respeito de todos. É ela D. Maria Lizarda Carrajola Palermo.

Pertencente a uma família antiga e distinta de Moncarapacho, D. Maria Lizarda nasceu em 8-7-1901 e faleceu em 12-2-1953, vivendo neste recanto do Algarve; cheio de belo arvoredado e flores, com terrenos riquíssimos duma grande fertilidade, enquadrados em lindas paisagens que se estendem do Cerro de S. Miguel ao Mar.

Foi no meio desta paisagem que a nossa homenageada surgiu para a vida, num ambiente de nobres tradições cristãs e patrióticas de que a freguesia de Moncarapacho muito justamente se orgulha, vindo a propósito referir que muitas páginas da sua história estiveram esquecidas, quando, afinal, elas enobrecem não só a freguesia como o próprio Algarve e a Nação.

Mas os documentos têm aparecido e continuam a aparecer como um filão de ouro escondido nas entranhas da Terra, pois tudo, como nos dizem por outras palavras as Sagradas Escrituras, será conhecido até aos mínimos pormenores. Uns factos aparecem mais cedo e outros mais tarde, mas o tempo não conta perante a eternidade!

Os factos passaram-se, viveram-se e deles ficaram testemunhos documentais do bem e do mal, das virtudes e dos vícios, da bondade e da maldade, da fé e da descrença, numa palavra, de tudo quanto se passa na vida da sociedade.

Mas entre todos os factos há um que aflora acima de todos, o da bondade e do amor ao próximo, sobretudo dos nossos irmãos mais necessitados, filhos de Deus como nós e merecedores de actos de abnegação e de benemerência, que possam suavizar os seus sofrimentos e as suas dificuldades quotidianas.

É o caso de D. Maria Lizarda que, num acto cheio de humanidade, legou os seus avultados bens à Santa Casa da Misericórdia da sua terra natal, com o pensamento em Deus e nos mais carenciados.

Filha do Senhor José Luís Palermo e da Senhora D. Maria da Concelção Carrajola Palermo, D. Maria Lizarda morreu solteira, sendo a sua vida um exemplo de virtude que pouco dava nas vistas, sentindo-se, no en-

tanto, o perfume do seu exemplar procedimento, à semelhança das violetas que quase não se vêem, mas o seu perfume suavíssimo sente-se ao passarmos no local onde elas crescem.

Mas D. Maria Lizarda não deixou esses valiosos bens por mero acaso, reflectiu bem no que fez. Gesto revelador de um grande coração e de uma boa alma, ele foi seguido por outra benemérita senhora, também de Moncarapacho, D. Maria Rosa Dias de Mendonça, que deixou também os seus avultados bens à mesma Santa Casa da Misericórdia, entre eles o Cerro da Cabeça, de grandes potencialidades em vias de aproveitamento.

A par desse espírito altruísta, D. Maria Lizarda tinha também tendências artísticas, designadamente para a modelação de barro e para a música. Tocando piano e harmónio, foi durante vários anos a regente do Grupo Coral da Paróquia de Moncarapacho, que muitas senhoras ainda recordam com saudade. Aliás, a música é tradição de família, pois já seu irmão, José Plácido Palermo, tocava piano e cantava muito bem, assim como outros membros da sua família.

Os anos passaram, mas tais factos não se desvaneceram totalmente, os quais nesta hora de justiça e glorificação relembramos ante a assistência que se digna escutar as nossas descoloridas mas sinceras palavras. Entretanto quando a asa da morte passou por ela, já D. Maria Lizarda tinha o seu testamento escrito com as suas últimas disposições, isto é, deixando os seus bens à Santa Casa da Misericórdia de Moncarapacho para fins sociais e beneficentes e uma parcela dos mesmos para uma sua serviçal, que a acompanhou durante grande parte da sua vida e que também hoje já não existe.

Deve dizer-se que esse testamento feito de livre vontade por D. Maria Lizarda e, portanto, sem qualquer sombra de coação, foi malevolamente contestado judicialmente por gente sem escrúpulos, que desejava desviar da Misericórdia os referidos bens, sendo porém a respectiva sentença, como não podia deixar de ser, a favor da Santa Casa da Misericórdia. E nessa acção, visando repor a verdade no seu devido lugar, muito se esforçou o Reverendo Sr. Padre Isidoro Domingos da Silva, na altura Provedor da Misericórdia, por quem D. Lizarda tinha elevada consideração, desejando até, se isso fosse possível, que o referido sacerdote fosse provedor perpétuo da mesma Misericórdia.

Como esses bens foi possível fundar-se um Posto Médico e um Posto Materno-Infantil, onde nasceram para cima de 1 000 crianças; distribuir comida aos pobres mais necessitados na altura em que ainda não existiam as pensões sociais e medicamentos para os que deles precisavam para suas enfermidades. E mais tarde, numa segunda fase da Misericórdia, após a extinção do referido Posto Materno-Infantil por incompreensão e maldade dos homens, fundou-se o actual Lar de Idosos e o Centro de Dia que lhe está anexo, devidamente apetrechados com o apoio do Cen-

tro Regional de Segurança Social de Faro; conseguiu-se a aprovação superior dum projecto para um novo Lar a construir desde os alicerces, o qual só espera a comparticipação do Estado, **que já demora**, além de vários melhoramentos nas propriedades, designadamente a obtenção de água para rega no Cerro da Cabeça por meio de um novo furo arteziano, etc.

Tudo isto só foi possível graças a essa generosa herança de D. Maria Lizarda e, posteriormente, à de D. Maria Rosa Dias de Mendonça, dado que a Misericórdia antes das referidas heranças não dispunha de quaisquer receitas certas. Apenas de uns juro insignificantes de um título de renda perpétua que, o mesmo é dizer, em nada pesava no orçamento da Santa Casa da Misericórdia. Quando aparecia algum pobre gravemente doente na freguesia, a Misericórdia tinha de recorrer a pedir esmola nos domingos de mercado. Essa acção altruísta sem dúvida, era desempenhada por dois irmãos da Santa Casa revestidos dos seus balandraus pretos, cada um com uma vara preta e uma bolça para as esmolas angariadas.

Em tempos recuados dispôs, no entanto, a Misericórdia do rendimento dos muitos foros que possuía; mas isso foi acabando aos poucos e, por último, foram extintos definitivamente. Era com esse rendimento que a Misericórdia exercia a sua acção beneficente e também com uma «Caixa de Caridade» que se extinguiu, a qual recebia esmolas e ofertas dos irmãos e da população da freguesia, dos termos de Tavira e Faro. Era por esta forma que a Instituição, fundada no ano já distante, de 1550, exerceu durante séculos uma razoável acção caritativa. Numa palavra: na altura em que D. Maria Lizarda deixou os seus bens a Misericórdia era pobríssima, sem meios de espécie alguma.

Se é certo que todas estas obras e outras semelhantes requerem o amparo dos irmãos e irmãs da Santa Casa e da população da freguesia, requerem dum modo especial o amparo dos Poderes Públicos.

É o caso do edifício que esta Santa Casa deseja edificar para o seu Lar de Idosos e Centro de Dia, há vários anos planeado. E faz pena, muita mesmo, que o referido Lar de Idosos com projecto aprovado pelo Estado, a edificar na propriedade dessa benemérita, onde o Lar provisório funciona, ainda não tenha avançado, para cujo projecto o Estado já contribuiu com cerca de dois mil contos; só por que a política muitas vezes se sobrepõe aos interesses regionais, quando afinal a política com letra maiúscula devia estar sempre ao lado da justiça e dos legítimos interesses do povo de que tanto se fala, o sempre sacrificado povo de todos os tempos. É por isso mesmo, entre outras razões mais, que as Santas Casas da Misericórdia têm sempre actualidade. São os oásis onde a desventura encontra amparo e conforto. Não é obra de mercenários, pois os seus mesários não recebem da Misericórdia um centavo sequer. O seu

trabalho é por amor a Deus e ao próximo, pois quem não ama o próximo não ama a Deus muito embora o afirme.

É triste dizer isto, mas as verdades devem declarar-se publicamente. E o que é de lamentar é que lares de idosos pensados e projectados depois do desta Santa Casa já estejam em andamento. Isto sem qualquer sombra de inveja, defeito repugnante que jamais cultivámos e alimentamos no nosso espírito, mas tão somente no desejo de ver a paz imperar entre os povos, fruto da justiça, pois onde não existe a justiça não pode existir a verdadeira paz.

A construção do edifício do Lar de D. Maria Lizarda Palermo era outra grande homenagem que se podia prestar a essa excelsa senhora, para mais dispondo-se de um terreno excelente e bem situado para o efeito e, sobre a sua construção as entidades distritais e concelhias afirmaram há anos numa reunião que se realizou na Casa do Povo de Moncarapacho à qual assistimos já na qualidade de provedor: Que a Misericórdia de Moncarapacho estava vocacionada para edificar um Lar dessa natureza.

Como preito de gratidão quis a actual Mesa Administrativa desta Santa Casa da Misericórdia, com o aplauso da Mesa da Assembleia Geral e do Conselho Fiscal, prestar esta justíssima homenagem a quem tanto deu dos seus bens e amou a sua terra como poucos o têm feito. Neste momento festivo da vida da freguesia de Moncarapacho, não podemos também olvidar quem trabalhou neste monumento.

Em primeiro lugar o autor da maquete e de todo o monumento, o nosso conterrâneo senhor Nelson Carrajola, um distinto escultor que exerce a sua profissão em Paris; em segundo lugar o senhor Manuel Inácio, outro distinto artista que habilmente passou a referida maquete do gesso ao bronze.

Além destes artistas, colaboraram também no monumento o senhor José Manuel Martins dos Santos, sempre pronto a auxiliar obras de interesse artístico e social, o qual se encarregou de mandar fazer o plinto nas suas oficinas de Bela-Mandil e que até generosamente o ofereceu, feito em lioz do Cerro da Cabeça, propriedade da mesma Santa Casa, e o senhor Manuel Brito, de Moncarapacho, um bom artista com obras de certa originalidade, que o executou nas referidas oficinas de Bela-Mandil, onde há muito trabalha como canteiro, uma nobre profissão que fez belos monumentos e as grandes catedrais e mosteiros da Europa, que ainda hoje são o nosso orgulho.

Afinal, todo o trabalho do pequeno monumento foi executado por artistas do Concelho de Olhão, o que nos é imensamente agradável referir.

No seu simbolismo, pensamos que ele tem o seguinte significado bem expressivo: D. Maria Lizarda é uma estrela do firmamento do Céu que se projecta sobre a Terra.

Por outro lado, queremos testemunhar ainda à Junta de Freguesia de

Moncarapacho o nosso reconhecimento pelas facilidades dispensadas na colocação do monumento neste largo.

Em meu nome pessoal e da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia igualmente o nosso profundo reconhecimento às distintas autoridades civis e religiosas que se dignaram assistir a este acto festivo e a todos os que aqui se encontram reunidos.

O monumento aqui fica à guarda da população da terra, designadamente da Juventude, como um grande exemplo a seguir.

Enquanto muitas obras de políticos e cientistas, até eminentes, são muitas vezes esquecidas pelo povo, uma atitude como a de D. Maria Lizarda há-de ser sempre lembrada pelas gerações que nos sucederem, como uma prova concreta de fé, de amor ao próximo e de paz.

Moncarapacho, 27 de Junho de 1987.

*Na imagem em que o Santo D. Maria Lizarda Palermo, esposa de
Nuno da Alameda, profeta o seu filho, o seu primeiro
do monumento, a sua primeira.*

a) Trabalho proferido pelo autor no acto inaugural do monumento de D. Maria Lizarda Palermo, em Moncarapacho.



No momento em que o Senhor Dom Ernesto Gonçalves Costa, venerando Bispo do Algarve, proferia o seu discurso, no acto inaugural do monumento, a que presidiu.

Nota — Esta zincogravura foi-nos amavelmente emprestada pelo Jornal «Sporting Olhanense», o que muito agradecemos.

TESTAMENTO DE D. MARIA LIZARDA PALERMO

No dia treze do mês de Janeiro, do ano de mil novecentos e cinquenta e três, perante mim António Esteves de Matos Proença, notário e no meu cartório situado no Edifício dos Paços do Concelho, da Vila e Concelho de São Brás de Alportel, comarca de Faro, compareceu a Senhora Dona Maria Lizarda Carrajola Palermo, solteira, maior, proprietária, residente na Aldeia de Moncarapacho, pessoa cuja identidade reconheço. E por ela foi dito que faz o seu testamento e disposição de última vontade, pela forma seguinte: Lega à sua criada Ana Victória, uma morada de casas com três compartimentos e uma dependência e respectiva cerca e poço, na Aldeia de Moncarapacho, denominada «Casas e Cerca das Escolas», confrontando do norte, nascente e poente com a estrada e sul com a estrada, Porfírio de Sousa e outros. Lega ainda à referida criada, o usufruto vitalício da propriedade denominada «Hortinha», situada junto à residência dela testadora, bem como todos os móveis, géneros e dinheiro em cofre, excepto o cofre, três carros de carga digo de madeira, vacas, mulas, bem como alfarrobas, amêndoas e azeitonas que estiverem apanhadas, ficando com a obrigação de satisfazer todos os encargos ocasionados pelo funeral dela testadora, missa de corpo presente e dar a cada pobre que tomar parte no funeral a quantia de dez escudos. As alfaías agrícolas e animais, serão vendidos e, com o seu produto, mandar celebrar por alma dela testadora, um Trintário Gregoriano e outros por alma de seu irmão José Plácido e, o que sobejar, será aplicado em missas, também por alma dela testadora. À Igreja Paroquial de Moncarapacho (Fábrica da Igreja) lega o seu automóvel marca Wemxanll, o qual será vendido, para, com o produto da sua venda, se restaurar uma capela na Igreja Paroquial. Se, depois de feito o restauro, sobejar alguma importância, será aplicada em missas por alma da testadora. Lega, ainda à Fábrica da Igreja, o seu piano, que será colocado no salão Paroquial. Lega o remanescente de todos os seus bens, direitos e acções, à Santa Casa da Misericórdia de Moncarapacho, com a obrigação de: a) mandar celebrar um Trintário Gregoriano, logo a seguir ao seu falecimento, e, no trigéssimo dia da sua morte ou funeral, meio-ofício e missa; b) todos os meses mandar cele-

Na mesa de honra encontrava-se além do Senhor Bispo, o Presidente da Câmara Municipal de Olhão, Sr. João Bonança, vereadores do mesmo Município, presidente da Junta de Freguesia de Moncarapacho, Sr. Flaviano de Brito, o Prior de Moncarapacho e presidente da Assembleia Geral da Misericórdia, Padre Isidoro Domingos da Silva, Cónego Joaquim Jorge de Sousa, da Sé de Faro e representante da Misericórdia dessa cidade, Padre Gilberto Soares, secretário do Senhor Bispo e Vice-Chanceler da Câmara Eclesiástica e o Provedor da Misericórdia.

Esteve também representada a Santa Casa da Misericórdia de S. Brás de Alportel, pelo seu provedor Sr. Abílio que, representava também o Secretariado Regional da União das Misericórdias Portuguesas.

Seguiu-se a assinatura da acta da inauguração por todas as individualidades presentes e pelo povo que quis prestar a sua homenagem de reconhecimento à benemérita Senhora.

No final, foi realizado um pequeno convívio para as entidades que assistiram à cerimónia.

ALGUNS TRABALHOS DO AUTOR

INDICE

Os Orifícios e Evolução das Armas — com critica — Coimbra, 1941	
O que se descobriu nos estudos sobre a origem da vida económica do Alentejo em 1942 — Lisboa, 1942	
Nota e Carta de S. Gregório de Lagos (relatório sobre a sua restituição) — Lagos, 1942	
Relatório da Comissão — Lisboa, 1944	
Esboço da personalidade de D. Maria Lizarda Palermo e o seu Monumento	Págs. 5
Testamento de D. Maria Lizarda Palermo	13
Anexo	15

A Comissão da Vitoria (Anexo organizado pelo autor e enviado para o Q. G. das Forças Armadas — Direcção Nacional da Juventude Portuguesa) — Lisboa, 1938

A História do Castelo e o Trabalho das Turmas de Armas — Lisboa, 1938

Organização Oficial da Esquadra Portuguesa e seus Dirigentes — Da Secção de Extensão e Propaganda do Instituto Nacional do Estado Novo (1938) — Lisboa, 1938

A construção das muralhas de S. Gregório de Lagos e o Castelo de Alentejo — Lagos, 1942

O culto de S. Gregório de Lagos na Família Real Portuguesa — Faro, 1942

S. Gregório de Lagos enviado no Colégio Universitário Agrário de Coimbra — Faro, 1942

[O trabalho organizado pelo autor da Comissão Organizadora e

ALGUNS TRABALHOS DO AUTOR

- Da Origem e Evolução das Armas Nacionais: sua crítica — Coimbra, 1941.
- O que os documentos nos dizem sobre alguns aspectos da vida económica do Algarve no século XVIII — Coimbra, 1942.
- Nicho e Capela de S. Gonçalo de Lagos (Relatório sobre a sua restauração) — Lagos, 1943.
- No Rumo da Educação — Lisboa, 1944.
- A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos documentos — Olhão, 1950.
- A Origem da Ordem do Carmo em Portugal nas suas relações com a Ordem de Malta — Moura, 1954.
- S. Gonçalo de Lagos — Subsídios para o estudo da sua personalidade e do seu culto (IV da Colecção «Estudos Algarvios» da Casa do Algarve em Lisboa — Lisboa, 1957.
- A Conquista da Vitória (Manuel organizado pelo autor e editado pela Obra dos Soldados — Direcção Nacional da Juventude Católica) — Lisboa, 1956.
- A Herdade da Coroadá e o Tratado das Terçarias de Moura — Lisboa, 1958.
- Organismos Oficiais de Estatística Portuguesa e seus Dirigentes — Da Secção de Estatística e Topográfica ao Instituto Nacional de Estatística (1841-1958) — Lisboa, 1959.
- A confusão dos cultos de S. Gonçalo de Lagos e S. Gonçalo de Amarante — Faro, 1962.
- O culto de S. Gonçalo de Lagos na Família Real Portuguesa — Faro, 1962.
- S. Gonçalo de Lagos venerado no Colégio Universitário Agostiniano de Coimbra — Faro, 1962:
- (Comunicações apresentadas pelo autor ao I Colóquio Gonçalino e

reunidas num volume sob o título «Algumas facetas do culto de S. Gonçalo de Lagos») — Faro, 1962.

Da Vida do Bem aventurado Padre Frei Gonçalo de Lagos, Padroeiro de Torres Vedras, por Frei António da Purificação — Apresentação e notas de J. Fernandes Mascarenhas, Lagos, 1962.

As Festas do Natal, Ano Bom e Reis no Algarve (Subsídios de etnografia e folclore) — Tavira, 1965.

Coexistência Cultural no Ultramar Português — Lourenço Marques, 1965.

A Cooperativa Agrícola do Limpopo — Lourenço Marques, 1965.

A Actual Nomenclatura das Ruas de Moncarapacho — Lourenço Marques, 1967.

O Cerro de S. Miguel — Vila Real de Santo António, 1969.

Considerações sobre os factores educativos e económico no cooperativismo — Lisboa, 1969.

Santo Cristo — Subsídios sobre o seu culto em Portugal, especialmente em Ponta Delgada e Moncarapacho — Lisboa, 1971.

Motivação das Comemorações de um Centenário, in Comemoração do 5.º Centenário da Freguesia de Moncarapacho — 1971.

Cinco séculos da vida de uma freguesia (Discurso inaugural das comemorações do 5.º centenário de Moncarapacho — Lourenço Marques, 1972.

Algumas doações de D. Dinis em Faro e seu termo — Faro, 1974.

Chocué — Nome primitivo da cidade de Trigo de Morais e outros topónimos das principais localidades do distrito de Limpopo — Trigo de Morais, 1975.

Páginas Gonçalinas — Lembrando S. Gonçalo de Lagos e a sua mensagem — Vila Real de Santo António, 1979.

A luta contra os franceses à Ponte de Quelfes — Olhão, 1981.

Esboço da Personalidade de D. Maria Lizarda Palermo — Olhão, 1987.

POR TERRAS LO ALGARVE — ENSAIOS DE HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

I

D. Maria da Graça Pessanha e a Capela da Farrobeira — Tavira, 1952.

A Arte Gótica no Algarve — Uma imagem da Virgem e uma cruz da igreja de Santo Estêvão de Tavira — Tavira, 1954.

- O Vinho da Fuseta e a Economia do Algarve (Subsídios) — Tavira, 1954.
- Origem dos Topónimos das Freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios — Tavira, 1962.
- Elementos de Arqueologia sobre o Algarve — Tavira, 1967.
- Fornos de cerâmica e outros vestígios romanos do Algarve — Lourenço Marques, 1974.
- A verdadeira naturalidade de Diogo de Mendonça Corte-Real — Tavira, 1974.
- Alguns subsídios arqueológicos sobre a antiga cidade de Balsa — Lisboa, 1978.
- Dois documentos arqueológicos recentemente achados, sobre os judeus no Algarve — Faro, 1980.
- A população de Moncarapacho no século XVI, livre e escrava, através de rois de confessados inéditos — Olhão, 1985.
- O Carnaval de Moncarapacho (Subsídios para a sua história) Olhão, 1986.
- Estoi, Moncarapacho, S. Bartolomeu de Messines e outras Terras do Algarve nos Levantamentos contra o domínio Filipino — Faro, 1986.

II

- Acerca da antiguidade das freguesias de Quelfes e Pechão e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Olhão e sua primitiva confraria. (Novos Subsídios) — Olhão, 1987.

Composto e impresso nas oficinas da
Empresa Litográfica do Sul, S. A.
— Vila Real de Santo António —
— 500 ex. — 3/88 —

SEPARATAS DE «A VOZ DE OLHÃO»

- 1 — A luta contra os franceses à Ponte de Quelfes
por J. Fernandes Mascarenhas
- 2 — António Henrique Cabrita, nadador prestigiado
por Fernando Cabrita
- 3 — O Poeta João Lúcio — Apontamento Biográfico
por Antero Nobre
- 4 — A População Olhanense — Sua Origem e Evolução
por Antero Nobre
- 5 — O Doutor Fernandes Lopes — Apontamento Bio-bibliográfico
por Antero Nobre
- 6 — O Centenário do Nascimento do Cônego Monsenhor Dr. António Baptista Delgado
por D. Ernesto Gonçalves Costa
- 7 — Grutas do Cerro da Cabeça — A «Gruta da Senhora», para possível aproveitamento turístico
por um grupo de Jovens Espeleólogos
- 8 — O Fenómeno da Simultaneidade em João de Deus
por Fernando Cabrita
- 9 — No Centenário do Nascimento do Dr. F. Fernandes Lopes
por Mariana Amélia Machado Santos
- 10 — Subsídios para uma Bibliografia Olhanense
por Antero Nobre
- 11 — A população de Moncarapacho no Século XVI, Livre e Escrava, Através de Rois de Confessados Inéditos
por J. Fernandes Mascarenhas
- 12 — O Bom Humor em João Lúcio
por Fernando Cabrita
- 13 — O Carnaval de Moncarapacho (Subsídios para a sua História)
por J. Fernandes Mascarenhas
- 14 — Quem foi Sebastião Martins Mestre na História do Sotavento Algarvio?
por Adérito Fernandes Vaz
- 15 — Cronologia Geral da História de Olhão da Restauração
por Antero Nobre
- 16 — Acerca da antiguidade das freguesias de Quelfes e Pechão e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Olhão e sua primitiva confraria
por J. Fernandes Mascarenhas
- 17 — Do Colete de Forças ao Fonógrafo — Achegas para a compreensão da obra do médico algarvio Bernardino Adolfo e Silva (1856-1916), «A música, sua influência e emprego terapêutico»
por Manuel Cadafaz de Matos
- 18 — Dos novos intelectuais — seguido de «Ai, Cultura»
por Fernando Cabrita e Erika Castor Telxeira
- 19 — Alguns Topónimos Algarvios
por Adérito Fernandes Vaz
- 20 — Doze olhanenses que muito honraram a sua terra
por Antero Nobre
- 21 — Descrevinhações
por Abúndio Martins
- 22 — Esboço da personalidade de D. Maria Lizarda Palermo e o seu monumento
por J. Fernandes Mascarenhas